
TESSITURAS DO CONCEITO DE CORPO E DE BELEZA NA CULTURA MIDIÁTICA CONTEMPORÂNEA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Joedna Reis de Meneses

Departamento de Geo-História-UEPB
edna.nobrega@pq.cnpq.br

O presente texto buscará discutir o conceito de corpo e beleza feminina a partir das Revistas *Veja* e *Isto É*, entre o final do século XX e início do século XXI. Embora o desejo de transformar o corpo seja reconhecido em todas as culturas em todos os tempos, a partir da década de 1990 o cuidado com o embelezamento acentuou-se. Se em outros momentos as mulheres já se preocupavam com o corpo e a beleza, no final do século XX e início do XXI, vive-se um momento da história humana em que, a beleza tem sido cultuada, procurada, quase como uma determinação.

O sacrifício vivenciado pelas mulheres, do final do século XX, para se manterem próximas ao chamado padrão de beleza, de certo modo nos lembra o mito de Procusto. Nesse mito existe o relato de que os gregos, ao transitarem entre as cidades de Atenas e Mégara, freqüentemente se deparavam com um bando liderados por Procusto. Os seus membros comumente prendiam e saqueavam os viajantes. Porém, uma característica marcava a crueldade do bando: eles obrigavam os viajantes a se deitarem em um leito onde eles tinham seus corpos moldados pela medida da cama. Os pequenos teriam seus corpos distendidos até atingirem o tamanho da cama. Os grandes, cujos membros ultrapassariam o comprimento da cama, seriam mutilados, de forma a se adequarem ao tamanho do leito. Todos os corpos tornavam-se uniformes, mesmo que não sobrevivessem à tamanha violência.

Na atualidade, podemos questionar: será que as mulheres não procuram seus próprios leitos de Procusto? Quais os sacrifícios que não podem ser assumidos em nome da elegância? Quais sentidos que cercam os discursos sobre as mulheres que ousam não seguir os modelos de beleza sacralizados nas épocas em que vivem? Quais os sacrifícios assumidos para a adaptação ao padrão tido como belo? Não existe certa semelhança

entre as inseguranças dos viajantes gregos, ao transitarem por caminhos desconhecidos, e o uso que as mulheres fazem de dietas e remédios desconhecidos, lançados no mercado sem estudos que garantam a segurança de seus usos? Isso também não parece assustador? Não seria também violenta essa necessidade da mulher moldar seu corpo dentro de um padrão? Como adequar as roupas exibidas nas vitrines aos olhares e aos corpos das mulheres que se encontram acima do peso? Recorrer às cirurgias plásticas ou aos exercícios rigorosos das academias, para adequar o corpo às medidas exatas do manequim da loja, considerado o corpo ideal, não seria uma mutilação do corpo? A mídia do final do século XX não pode ser comparada a Procusto? Uma vez que dita um modelo de beleza, que exige da mulher a busca incessante por uma “boa forma” e a necessidade de manter-se eternamente jovem? Não é possível comparar os sofisticados equipamentos de ginástica, que moldam e esquadrinham os corpos, nas modernas academias, com o leito de Procusto?

Observa-se que, mesmo nos grandes *shoppings*, praticamente não existem lojas com roupas de tamanho grande. De um modo geral, o mercado ainda não se voltou para atender a esse público, apesar de numeroso. Há a compreensão de que esses indivíduos, considerados *fora de forma*, serão extintos, uma vez que, em contrapartida, existe um considerável número de produtos e serviços que buscam modificar os corpos, adequá-los às novas e modernas medidas de Procusto.

Diante do exposto, é possível construir outros questionamentos: por que todo esse “cuidado” com o corpo? Por que a mídia e a ciência têm se voltado para esse tema? Por que essa busca por atividades físicas? Por que o número de academias de ginástica, tanto nas grandes como nas pequenas cidades, tem se multiplicado a cada ano? É possível ignorar a existência dessas novas experiências na história do tempo presente?

Existe uma corrida desenfreada em busca da boa forma. Essa corrida pode ser observada através de um simples olhar nas notícias cotidianas dos jornais e nas propagandas das diferentes academias de ginástica que se popularizam e se multiplicam nas cidades.

Diariamente, ao caminhar pelas ruas de uma cidade, ligar a televisão, visitar um *shopping*, as praias, praças ou qualquer espaço público, nos deparamos com pessoas exibindo seus corpos “sarados”, com lojas disputando a venda de artigos, aparelhos e ou

produtos voltados para a definição dos corpos. Observamos pessoas distribuindo folhetos de propaganda de produtos ou academias. Assistimos a uma verdadeira corrida em busca do corpo “perfeito”.

Os novos artefatos de Procusto convivem harmoniosamente nas diferentes sociedades do final do século XX. Os membros dos seres humanos, neste caso, não são extirpados com vista a adequação dos corpos ao leito de Procusto, mas, sim, o excesso de peso deve ser eliminado. Segundo Alex Branco Fraga (2006, p. 28), para que os serviços voltados para se perder peso “sejam consumidos de maneira mais efetiva e duradoura, com o menor índice de abandono possível, é preciso, primeiramente, que seus usuários consumam idéias. Para aumentar esse tipo de consumo é preciso aumentar a visibilidade da idéia-produto e de seus ‘postos-de-venda.’”

Pode-se observar as academias, na última década, tornando-se verdadeiros templos que abrigam os artefatos (pós?) modernos de Procusto. Templos de adestramento, de esquadramento dos corpos e de sedução para os usuários. Nestes templos, seja nos espelhos das paredes ou nas águas cristalinas das piscinas, cada mulher pode contemplar a si mesma no momento em que realiza suas atividades. Nos sagrados rituais que desenvolvem, elas observam seus corpos, suas posturas, enfim, admiram a própria beleza e podem, assim, acompanhar as mudanças que idealizam e perseguem para seus corpos. Nesse templo, chamado de academia, elas também contemplam outros indivíduos, fascinam-se e deixam-se fascinar pelas imagens. O ideal de Narciso teria encontrado um lugar privilegiado para a sua propagação?

Todavia, não é por acaso que as academias tornaram-se moda. Houve algumas inovações nas modalidades de ginástica e nos aparelhos que são encontrados nas academias. Tudo para tornar as aulas dinâmicas, divertidas e para conquistar um público cada vez maior. Por isso, diz o professor Eduardo Martins Machado: “o desempenho do professor é decisivo. Mais que um preparador físico, ele tem de ser um ator de fantasias nas quais embarcam os alunos” (Isto É. 11/12/1996). O professor precisa ser mais que professor. Ele é responsável por orientar a prática dos exercícios, tornando-se “um ator” criativo e dinâmico.

A partir dos anos de 1990, a malhação entrou numa nova era. Nova era em relação às formas das aulas com opções para diferentes gostos, com o uso de exercícios combinados, acompanhados de músicas como salsa, rock, forró e axé.

Mas, a nova era da malhação atingiu sobretudo as academias por meio do uso da alta tecnologia nos aparelhos. Existem os que contam os batimentos cardíacos (o *Michelangelo fit station*) e aqueles que controlam o desempenho nas aulas e a quantidade de calorias gastas durante a musculação (o *technogim system*).

De agora [outubro] a janeiro, com uma alimentação equilibrada e um programa de exercícios levado a sério é possível: enrijecer barriga e braços; queimar gordura na região da cintura; definir a musculatura das pernas, coxas e dos glúteos, eliminando os culotes; fortalecer a musculatura do peito, dando mais sustentação aos seios e fortalecer a musculatura das costas, favorecendo a postura. (...) Todo treinamento passa pela fórmula: exercícios aeróbicos mais musculação (com aparelhos e pesos). (...) Os treinamentos propostos aqui seguem essa receita e podem ser praticados na maioria das academias, mesmo as menores. (Marie Claire, out/99, p. 12).

Já a Revista Isto É de 01 de dezembro de 1996, afirmava:

O inverno de 1996, um pouco mais rigoroso do que o habitual, incentivou muita gente a um consumo de queijos, vinhos y otras cositas más. Ao fim da estação sobraram os pneuzinhos na cintura. Para retorno ao verão, ao sol e ao mar, a corrida às academias fica inevitável. Esses potenciais clientes que pretendem expor seus corpos ao sol são disputados à unha e uma das armas das escolas de ginástica são as novidades da malhação. (Isto É, 11/12/1996).

A Revista Veja, também dá “receita para entrar em forma rápido”:

Se você está sozinho no quarto, fique à vontade e vá para a frente do espelho. Esta é a hora da verdade. Muito provavelmente você não está contente com o que vê. Os pneuzinhos nos flancos, o abdome flácido, os braços finos, as pernas rechonchudas – nada disso combina com a imagem que gostaria de ter e desfilar na praia ou na piscina. Mas não desanime. Dá para melhorar bastante seu corpo se você se dispuser a malhar imediatamente. Um bocado de gente começou há pouco. Cerca de 500.000 brasileiros recorreram às academias no mês passado [outubro], num movimento que se repete de meados da década de 90 para cá. Na antevéspera do verão, os centros de narcisismo explícito registram um aumento de 25% no número de matrículas. (...) Ninguém se transformará num Paulo Zulu ou numa Gisele Buindchen, é claro, mas a vergonha de tirar a camiseta ou a canga diminuirá consideravelmente. (Veja, 28/11/2001).

Segundo os discursos presentes nas revistas, não basta não ser gorda, é preciso construir um corpo sem marcas de pneuzinhos, moleza ou flacidez, e nesse caso, o indivíduo deve ter vergonha de exibir seu corpo em público. Deve despi-lo apenas diante do espelho, quando estiver “sozinho no quarto”. Ninguém deve dividir com você esse momento. Segundo a matéria, ao observar que a imagem do seu corpo não se encontra condizente com o desejável, a mulher deve procurar imediatamente uma academia passar por um programa de exercícios rigorosos, e uma alimentação equilibrada, para eliminar as gorduras, afinar a silhueta e fortalecer os tecidos.

Todas as experiências encontram-se naturalizadas. No entanto, não se deve esquecer que elas foram produzidas historicamente. Houve um momento em que sequer os espelhos existiam, quanto mais um discurso para a produção de reflexos perfeitos.

(...) O espelho aparece apenas no século XVI, como preciosidade importada de Veneza. É caro e raro; no entreguerras, as casas operárias ou rurais possuem apenas um, pequeno, pendurado em cima da bacia de fazer a barba. O grande espelho de corpo inteiro se encontra apenas entre as classes abastadas. Parafraçando Freud, pode-se então falar de um estágio ‘histórico’ do espelho, recente para o conjunto da população. Assim, a pessoa deixa de perceber sua identidade física no olhar do outro e passa a contemplá-la no espelho grande do banheiro. (VINCENT, 1992, p. 308)

Na atualidade a presença do espelho nas casas e nos locais públicos já se tornou banal. Banal, porém, não é a tentativa de “construir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou moleza” (LIPOVETSKY, 2000, 133), para só a partir daí ser possível frequentar as praias e as piscinas exibindo e admirando o corpo sem pudores. Porque, “já não se concebe a conquista da beleza sem a esbeltez, as restrições alimentares e os exercícios corporais.” (Idem. Ibid., p.133). Observa-se que, aqui, o discurso voltado para a saúde é esquecido em nome do discurso da beleza.

Quando se trata de escolher caminhos para elaborar a beleza e o corpo adequado ao momento, observa-se a busca de uma diversidade de ofertas com vistas de seduzir, colocadas no mercado desde o final do século XX. Porém, não se pode esquecer que, associado a essa sedução e realização pessoal, encontra-se todo um discurso exposto nas revistas, nas próprias academias, nas novelas, nos *reality shows*, onde desfilam homens e mulheres com músculos estupefacentes, do tipo completamente fora do padrão da

maioria, que também influenciam, seduzem e despertam os desejos, principalmente, dos adolescentes. “O mundo moderno vive sob a ditadura da beleza e os feios não são bem aceitos. Ser bonito é uma vitória, e o culto ao corpo é um caminho na direção desses valores,” analisa o psicólogo Antonio Carlos Simões, coordenador do Laboratório de Psicossociologia do Esporte da Universidade de São Paulo. (SIMÕES, Veja, disponível em: <http://www.veja.com.br/> Acesso em: junho 2008).

Aumenta o número dos que procuram o fitness para melhorar a saúde do corpo e da mente. Os malhadores se baseiam principalmente nas pesquisas, comprovando que malhar ajuda a controlar doenças, eleva o ânimo e ainda combate o stress. Os especialistas comemoram o momento. “Ver as academias lotadas é ótimo. Se o pessoal está se exercitando só para ficar mais bonito, não tem problema. Antes, as mulheres iam ao cabeleireiro. Se agora preferem malhar, melhor”, afirma Renata Falzoni, 46 anos, apresentadora do programa Aventura (ESPN Brasil). Nas academias, além dos que suam a camisa por um corpo atraente, também há gente que adota o fitness como prevenção de doenças. (Isto É. Lena Castellón e Lia Bock. Mais suor na camisa: Milhares de brasileiros aderem à febre do fitness, lotam parques e academias e transformam o exercício em hábito. (Malhação. Disponível em: <http://www.terra.com.br/1600/medicina/1600amalhaçãodecadaum.htm> . Acesso em: 12/ 11/2007).

Nem todos têm a mesma opinião. A psicóloga Kátia Rubio, professora da Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), pensa diferente: “não acredito que as pessoas estejam incrementando a ginástica por pensar numa vida mais saudável. ‘fitness é um termo que virou moda. Não é mudança de hábito’, crítica”. (CASTELLÓN; BOCK. Isto É, Disponível em: <http://www.terra.com.br/1600/medicina/1600amalhaçãodecadaum.htm>. Acesso em: 12/11/2007).

Os motivos que têm levado as pessoas a procurarem as academias podem ser diversos. O que se sabe é que a onda de malhação atinge diferentes idades e tem contribuído para o crescimento do número de academias tanto nas grandes como nas pequenas cidades.

Na ânsia de atender à febre da malhação, as academias se proliferam. No Estado de São Paulo, existem três mil estabelecimentos do gênero. No Rio, esse número chega perto de quatro mil, e quase três mil estão na capital carioca. Movida pela vaidade ou pela preocupação com a saúde, a legião dos “loucos por esporte” é cada vez mais comum em academias, parques e praias. No Rio, por exemplo, são 46 mil pessoas

inscritas em programas monitorados pela prefeitura. Elas têm à disposição 40 quilômetros de praias com ciclovias e aparelhos de musculação em quase todas. (Isto É. Lena Castellón e Lia Bock. Mais suor na camisa: Milhares de brasileiros aderem à febre do fitness, lotam parques e academias e transformam o exercício em hábito. (Malhação. Disponível em: <http://www.terra.com.br/1600/medicina/1600amalhaçãodecadaum.htm>) Acesso em: 12/ 11/2007).

Primeiras horas do dia: parques, praças, calçadas, e até ruas inteiras transformam-se em academias. Dezenas de pessoas caminham, fazem exercícios, sozinhas, em grupo, com ou sem orientação de profissionais. Algumas consideradas acima do peso, suam para atingir o peso tido como ideal, outras desejam apenas manter o corpo esbelto.

Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um/a é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, ‘naturais’ do viver a identidade contemporânea. Já não basta apenas ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo. [...] A opção é individual e depende do esforço, da dedicação, da disciplina e dos cuidados de cada um/a para construí-lo. (FIGUEIRA, 2003, p. 126).

Antes de ser seduzido pela inovação das atividades da academia, existe, uma busca por um certo padrão de beleza, que se acredita ser possível de alcançar. Embora se trabalhe cada parte do corpo de forma individualizada, fragmentada, almeja-se adquirir características de outros ícones de beleza. “Ou seja, não existe tanta liberdade para se escolher o corpo. Esse corpo acompanha um padrão.

(...) ao mesmo tempo em que exerce uma função de personalização, o narcisismo realiza também uma missão de normalização do corpo: o interesse febril que temos pelo corpo não é, de modo algum, espontâneo e ‘livre’, pois obedece a imperativos sociais, tais como a ‘linha’, a ‘forma’, o orgasmo, etc. O narcisismo joga e ganha em todas as tabelas funcionando concomitantemente como operador de despadronização e operador de padronização, sendo que ele jamais se reconhece como tal, mas se dobra diante das mínimas exigências da personalização: a normalização pós-moderna se apresenta sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele mesmo, jovem, esbelto, dinâmico. A exaltação do corpo é como a inflação psi: o narcisismo se aplica a liberar o corpo dos tabus e fardos arcaicos, tornando-o assim permeável às regras sociais. (LIPOVETSKY, 2005, p. 44).

O narcisismo, ao mesmo tempo em que desenvolve o desejo de personalização das mulheres lhes aprisiona aos padrões de beleza impostos pela sociedade. De um lado, temos todo um movimento de fragmentação do corpo com atividades individualizadas para cada uma das partes. Os equipamentos nas academias, por sua vez, demonstram a possibilidade de se fazer exercícios individualmente ou através das academias particulares montadas em casa. Por outro lado, existe um limite nesse processo de personalização quando se acredita ser praticamente obrigatório construir, moldar ou criar um corpo que, apesar das suas especificidades, não deixa de seguir um modelo pré-determinado, estereotipado como sendo o da beleza.

Nessa busca narcisística, a mulher quer se contemplar no espelho da academia, ou nas vitrines dos *shoppings* como bela. Ao mesmo tempo em que objetiva ser a mais bela de todas, ela possui inúmeras semelhanças com seus pares da academia. Esses pares da academia, por sua vez, também possuem corpos praticamente idênticos às imagens divulgadas na mídia dos personagens de sucesso da novela, do filme, seriado, ou das passarelas da moda.

O processo de personalização anexou a própria norma, assim como anexou a produção, o consumismo, a educação ou a informação. A norma dirigista ou autoritária foi substituída pela norma 'indicativa', suave, pelos 'conselhos práticos', as terapias 'sob medida', as campanhas de informação e de sensibilização por meio de filmes humorísticos e publicidades repletas de sorrisos. (LIPOVETSKY, 2005, p. 44).

Sem dúvida, as novas práticas de publicidade que investem no sorriso, no prazer, associados, por exemplo, à aquisição da boa forma seduzem mas não significam a ausência total da imposição de um modelo. Ao contrário, a sutileza e a naturalização do padrão constrói a impressão de que as escolhas são pessoais. Pode-se, portanto, afirmar que a norma autoritária encontrou um disfarce para a produção de suas verdades: o colorido dos *outdoors*, a beleza da harmonia dos corpos expostos e utilizados como veículo de propaganda, os novos rostos da beleza publicados como modelos para cópia, para a satisfação e a felicidade distribuída através dos sorrisos e dos corpos magros.

E assim, gradativamente, foi nascendo a sociedade dos humanos clonados, idênticos não apenas na adesão às modas explicitadas nas roupas de uma época como também no corpo a ser exibido de acordo com os padrões exigidos pelos discursos que

afirmam ser imprescindível buscar a *boa forma* e esta associada à saúde e à beleza. O mito de Procusto alcança, assim, a sua efetivação. Os corpos estão, gradativamente, se adequando aos outros. O Procusto pós-moderno se esconde nas formas, nas receitas, na procura incessante pela aceitação midiática, pelo olhar que referenda beleza, pelo corpo esquadrihado pelos aparelhos, mas também por discursos que são urdidos de acordo com as vontades de uma época.

Veículos de comunicação, como as revistas *Veja* e *Isto É*, estão sempre divulgando as receitas médicas e científicas, bem como a necessidade da realização de atividades físicas, moderadas ou com uso de máquinas e de equipamentos sofisticados. Neste sentido, o mercado aposta alto nesse público que, além de consumir as idéias veiculadas na mídia, consome esses produtos divulgados, tais como: aparelhos diversos, suplementos nutricionais, líquidos, alimentos, roupas, tênis, remédios, revistas especializadas ou não que tratem de temas sobre *boa forma*, estética, dieta, saúde, corpo, moda, *fitness*, fisiculturismo, etc.

Associada à onda do “suar a camisa,” encontra-se a febre de consumo, de produtos para adquirir massa muscular usados sob a justificativa da saúde e do bem-estar físico e emocional. Muitos desses produtos são colocados no mercado e vendidos sem testes que dêem segurança aos consumidores.

A saúde, tão aproximada do conceito de beleza, é esquecida quando se trata de fazer uso dos anabolizantes, que, apesar de proibidos, chegam a ser vendidos nas próprias academias e consumidos, inclusive, pelos seus profissionais. E agora? Será que a procura desesperada por estes produtos pode ser enunciada a partir do conceito de saúde? A saúde estará sendo almejada quando se faz uso de substâncias muitas vezes nocivas ao organismo?

A prática de exercícios tem se mostrado mais do que uma simples escolha pessoal em busca de saúde.

A aparência decorrente dos exercícios de musculação nas academias de ginástica passa por um processo de sustentação da imagem corporal de determinados ‘malhadores’, estabelecendo o comprometimento, às vezes obsessivos, que tentam ajustar-se corporalmente – para não dizer socialmente. Os adeptos dessa religiosidade em função do corpo formam seus músculos avantajados, que podem até se tornar desproporcionais ao próprio físico, usando a argumentação da ‘pseudogeração saúde’. Os resultados dos exercícios de academia, inevitavelmente, só podem chegar ao artifício da imagem corporal,

uma vez que o corpo construído pelos aparelhos (re) vela deslocamentos incessantes. (GARCIA, 2005, p. 24/25).

Como vimos, freqüentar a academia em nome da saúde, do prolongamento da vida ganhou força na década de 1990. Porém, acredita-se que a busca de formas consideradas perfeitas ainda é o principal objetivo dos malhadores. A procura do ajustamento corporal tem levado à obsessão algumas pessoas, que para adquirirem músculos mais rápido ou mais volumosos, recorrem ao uso de anabolizantes, o que contraria o discurso da saúde e coloca em risco a vida de muitas pessoas.

Se, de um lado, temos uma epidemia de obesidade, temos também um verdadeiro culto à malhação e à busca de um corpo tido como bem definido. Quais os limites do corpo? Quem estabelece esse limite? Onde começam e terminam os limites humanos?

Não cabe aqui estabelecer juízo de valor sobre atletas de alto nível ou amadores, sarados ou marombeiros, usuários ou não de anabolizantes. Cabe, isto sim, dizer que as anatomias emergentes do século XXI se constituem na tensão entre essas diferentes representações culturais e nas formas pelas quais os sujeitos se encontram nelas identificados. Como diz Denise Sant'anna, são as relações entre os sujeitos e as práticas sociais historicamente datadas que produzem nossos sentimentos, preferências, aparências e fisiologia, ante toda tentativa de essencialismo. (FRAGA, 2006, p. 75).

Os desejos de beleza, de exclusão da feiúra, da gordura e da produção de músculos são, portanto, construídos historicamente.

BIBLIOGRAFIA

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a Mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FIGUEIRA, Machado Luiza Márcia. "A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe;

GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FRAGA, Alex Branco. “A boa forma de João e o estilo de Fernanda.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

FRAGA, Alex Branco. “Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI”. In: SOARES, Carmen Lúcia (org). **Corpo e História**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. São Paulo: Autores associados, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

SANT’AANA, Denise B de. (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**. da Renascença às luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.